

EXPERIÊNCIAS DIALÓGICAS COMO EXERCÍCIO INTERDISCIPLINAR EM ARTES VISUAIS: APONTAMENTOS SOBRE PESQUISA AUTOBIOGRÁFICA E TEORIA DA EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE

DOI: <https://doi.org/10.33871/23580437.2021.8.2.205-221>

*Luiz Carlos Pinheiro Ferreira¹
Ana Paula Aparecida Caixeta²*

RESUMO: Este texto apresenta experiências dialógicas nascidas no contexto da graduação e pós-graduação a partir de vivências pedagógicas que transitam por um universo interdisciplinar, quando compartilhadas no âmbito da formação em Artes Visuais. Neste aspecto, o esforço empenhado visa construir um discurso proveniente dessa abordagem, apontando dois pontos teóricos de partida: a Pesquisa Autobiográfica e o campo da estética no contexto da teoria da Epistemologia do Romance. Ambas as discussões convergem para um elo pedagógico entre Artes Visuais e Literatura que permite uma articulação a partir de imbricações teóricas e metodológicas experienciadas em sala de aula.

Palavras-chave: experiência; artes visuais; interdisciplinar; autobiografia; epistemologia do romance.

¹ Universidade de Brasília. Doutor em Arte e Cultura Visual pelo PPGACV da UFG. Mestre em Educação pelo PPGE da UFF/Niterói/RJ e Licenciado em Educação Artística/História da Arte pela UERJ. Lecionou Artes Visuais e História da Arte nas redes Municipal e Estadual do Rio de Janeiro no período de 1998 a 2009. É Professor Adjunto no Departamento de Artes Visuais e no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGAV/UNB, com o Projeto de Pesquisa: Experiências de vida, formação e autoformação: dialogicidade entre pesquisa narrativa, autobiografia e artes visuais. Interesse de pesquisa nos seguintes temas: Arte e Imagem Fotográfica, Arte/educação Contemporânea, Pesquisa Narrativa e autobiográfica; Histórias de vida, Memoriais de Formação, Escrita de si, Arte e Psicanálise, Formação e atuação em Artes Visuais. Brasília, Distrito Federal, Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/0041084356285028>, <https://orcid.org/0000-0002-8823-6346>. E-mail: pinferreira@unb.br e luizcpferreira@gmail.com

² Universidade de Brasília. Doutora e Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Graduada em Artes Plásticas e Letras. É professora Adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília e professora do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit/UnB). Pesquisadora e atual líder do grupo Epistemologia do Romance - ER (UnB/CNPq), busca maiores aprofundamentos da teoria homônima, visando estabelecer diálogos entre Literatura e Artes Visuais a partir da Estética e sob a ótica teórica da ER. Desenvolve pesquisas sobre Glauco Mattoso, Estética, Efeito estético e Ensino da Estética. Organizou os volumes dos Verbetes da Epistemologia do Romance (2019/2021) - o primeiro, junto com Maria Veralice Barroso e Wilton Barroso Filho; o segundo, com Maria Veralice Barroso. Brasília, Distrito Federal, Brasil. CV: <http://lattes.cnpq.br/6443941763838130>, <https://orcid.org/0000-0002-4923-8744>. E-mail: caixetaanapaula@unb.br e caixetaanapaula@yahoo.com.br

DIALOGICAL EXPERIENCES IN VISUAL ARTS AS AN INTERDISCIPLINARY EXERCISE: NOTES ON AUTOBIOGRAPHICAL RESEARCH AND THEORY OR THE ROMANCE EPISTEMOLOGY

ABSTRACT: This text presents dialogical experiences born in the context of undergraduate and graduate courses from pedagogical experiences that pass through an interdisciplinary universe, when shared in the context of formation in Visual Arts. In this regard, the committed effort aims to build a discourse from this approach, pointing out two theoretical starting points: Autobiographical Research and the field of aesthetics in the context of the theory of Romance Epistemology. Both discussions converge on a pedagogical link between Visual Arts and Literature that allows an articulation based on theoretical and methodological overlapping experiences in the classroom.

Keywords: experience; visual arts; interdisciplinary; autobiography; romance epistemology.

EXPERIÊNCIAS DIALÓGICAS EN ARTES VISUALES COMO EJERCICIO INTERDISCIPLINAR: APUNTES SOBRE INVESTIGACIÓN AUTOBIOGRÁFICA Y TEORÍA DE LA EPISTEMOLOGÍA DE LA NOVELA

RESUMEN: Este texto propone pensar experiencias dialógicas que se han engendrado en los contextos de la carrera de grado y del posgrado a partir de vivencias pedagógicas que transitan por un universo interdisciplinar al ser compartidas en el campo de la formación en Artes Visuales. En este aspecto, el esfuerzo aquí puesto en marcha pretende construir un discurso proveniente de dicho abordaje apuntando dos marcos teóricos de partida: la Investigación Autobiográfica en el contexto formativo y la estética en el contexto de la Epistemología de la Novela. Ambas discusiones convergen hacia un eslabón pedagógico entre las Artes Visuales y la Literatura y permiten, en este texto, una articulación con base en imbricaciones teóricas y metodológicas experimentadas en el salón de clase.

Palabras clave: experiencia; artes visuales; interdisciplinar; autobiografía; epistemología de la novela.

Introdução

O texto estabelece diálogos sobre o exercício interdisciplinar proporcionado pela atuação no ensino superior a partir da Pesquisa Autobiográfica e da teoria da Epistemologia do Romance, trazidas para o contexto da formação em Artes Visuais³. Os estudos em questão representam caminhos que se cruzam, tanto no contexto teórico associado com o processo de formação acadêmica de cada um dos professores pesquisadores como na atuação em sala de aula. Apropriando-nos de Mikhail Bakhtin (1981), este texto traz uma arquitetura polifônica, cujas vozes corresponderão aos sujeitos autores, bem como suas reflexões conjuntas, em que a abordagem dialógica diz respeito aos escritos teóricos-narrativos, elevados aqui como potências para se pensar o lugar de ensino das Artes Visuais. E, conseqüentemente, também direcionam as questões que norteiam o campo da pesquisa, tanto na confluência entre Artes Visuais e a Literatura, como na especificidade de formação e atuação no âmbito das Artes Visuais. Nesse sentido, ao considerarmos a relevância da pesquisa acadêmica, cabe ressaltar que a confluência na qual acreditamos entre as Artes Visuais e a

³ No decorrer do texto, aparecerá o termo Artes Visuais, quando pensado nessa especificidade; e Artes, quando a referência for o campo de conhecimento em linguagens. Já “arte”, em minúsculo, refere-se apenas ao substantivo simples.

Literatura reside quando, “[...] independente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida” (BAKHTIN, 2003, p. 308).

Os diálogos aqui estabelecidos acontecem, não somente atrelados aos objetivos de pesquisa de cada docente, mas apontam que o texto, no sentido ampliado do seu repertório, pode ser o ponto de partida para a pesquisa, por possuir como característica em comum uma reflexão nos estudos em Artes. Sabemos que o avanço da modernidade e as implicações paradigmáticas do século XXI culminaram em processos que objetivam pensar o conhecimento a partir de tecnologias e interações entre os diversos campos de saberes, ou seja, as questões inter e transdisciplinares, tanto de ensino como de pesquisa. Neste estudo, ao trazermos o contexto da experiência dialógica interdisciplinar como proposição para pensarmos os caminhos que a pesquisa seguiu ao longo da nossa formação, fomentamos um debate teórico com pontos de convergência. Em especial, ao interrogamos nosso próprio campo de conhecimento, seja ele dimensionado para o contexto da pesquisa autobiográfica ou para o campo da epistemologia do romance, estabelecemos aproximações válidas quando pensadas por eixos em comum: a docência no ensino superior e a pesquisa acadêmica.

Compreendemos que a formação acadêmica, caracterizada como um movimento singular de interesse particular de cada sujeito, articula-se, confronta-se e ganha amplitude quando dialogamos e propomos a interação entre os conceitos e a dinâmica de reflexão conduzida, em um primeiro momento, de forma particular e individualizada. Entretanto, ao estabelecermos contatos e trocas, tanto teóricas quanto de experiências didáticas e metodológicas, torna-se possível construir elos mediados, especialmente, pelas interações estéticas, pensadas aqui numa perspectiva formativa e de conhecimento. Destarte, as particularidades dos conceitos que marcam o contexto da pesquisa autobiográfica e da epistemologia do romance ganham amplitude a partir da articulação conjunta e a confrontação de ideias, pois “onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento” (BAKHTIN, 2003, p. 307). O texto, então, representa a realidade do nosso pensamento e das experiências vivenciadas ao longo de um percurso formativo. É nesse panorama que construímos um cenário de pesquisa docente e de formação discente, com o interesse de promover diálogos que enriquecem o campo da experiência em Artes. Nesse aspecto, reforçamos que o nosso entendimento, ao propormos a escrita conjunto deste artigo, reside naquilo que Bakhtin (2003, p. 311), anuncia com entusiasmo, ou seja, “o acontecimento da vida do texto, isto é, a sua verdadeira essência sempre se desenvolve na fronteira de duas consciências, de dois sujeitos”. Aqui, a proposta representa, na concepção bakhtiniana, um encontro de dois textos, ou seja, do texto configurado como o lugar de enunciação dos professores pesquisadores que possuem uma história de vida pautada pelo singular de sua trajetória formativa; e o outro texto, que comporta aquele a ser criado, no caso, desvelando-se como subsídio para a experiência dialógica a partir dos enlaces entre a pesquisa autobiográfica e a teoria da epistemologia do romance. Assim, o artigo nasce dessa concepção dialógica que, ao mesmo tempo em que respeita as particularidades e especificidades de cada professor pesquisador, também promove encontros e descobertas no campo da produção de conhecimento.

Experiências dialógicas: exercício interdisciplinar em Artes Visuais

Ensinar é uma ação de grande complexidade, que envolve não apenas o domínio de um conteúdo e uma didática para conduzi-la, mas também uma consciência de sua prática como gesto filosófico, social, político e emancipador. O ensino em Artes Visuais, considerando aqui suas faíscas na Literatura, por sua natureza estética, pressupõe orientações didáticas específicas, cuja preocupação está em lidar com subjetividades e categorias interdisciplinares e transdisciplinares que perpassam a prática pedagógica. Para tanto, a Universidade, assumida aqui como um lugar possível de trocas de experiências e diálogos entre professores, parece necessitar de oportunidades dessa natureza, uma vez que os sucessos e percalços de uma formação em licenciatura envolvem enfrentar questões

múltiplas, oriundas de complexidades visuais, linguísticas, sígnicas, mas também humanas, sociais, comportamentais e individuais, sobretudo, dialógicas.

Aspectos desta pesquisa interdisciplinar estão no rompimento das fronteiras entre as Artes e a Literatura, por meio de um movimento que se propõe dialógico, intertextual, comparatista e de transposição. Étienne Souriau, em *Correspondência das Artes* (1983), debruçou-se sobre a questão do comparatismo enquanto observador de semelhanças e diferenças entre objetos estéticos de naturezas plásticas distintas. O filósofo aponta para a Estética Comparada como lugar de paralelos entre campos artísticos sem refutar a disciplina da Literatura Comparada, porém, firmando uma outra posição do comparatismo a partir do campo da Estética. Junto a essas discussões, Mario Praz (1982) se faz pertinente ao reforçar a natural e profícua relação entre Artes Visuais e Literatura, acenando para uma compreensão a respeito das fronteiras que Lessing⁴ aponta, corroborando com o anseio de reflexões ante a esse paralelismo.

Ao buscar o que há de comum entre naturezas, linguagens e formas artísticas distintas, abre-se um caminho para pensar a Arte por reflexões teóricas e críticas cujos objetos ultrapassam seu campo disciplinar. Podemos assumir, portanto, que os diálogos aqui anunciados, para contemplar as reflexões no contexto de ensino e pesquisa em Artes Visuais, possuem um elo comparatista natural e este elo é a Estética. Ao considerarmos esta conexão, não negligenciamos lugares disciplinares, com seus aspectos históricos, críticos e metodológicos, tampouco designamos um lugar preciso proveniente de qualquer relação que se propõe por meio de trânsitos disciplinares. Interessa-nos, sobretudo, a transposição de linguagens, mas, principalmente, a inter-relação entre aspectos teóricos, práticos e reflexivos que correspondem ao universo intertextual das reflexões no contexto da pesquisa em Artes Visuais e Literatura.

Quando posicionamos esta discussão no lugar do diálogo e da experiência interdisciplinar, valemos das tendências contemporâneas do processo de ensinar e de pesquisar, cujas complexidades disciplinares são motivadas por interconexões necessárias, tal como nos apresenta Pimenta e Anastasiou (2014). Desse modo, transitar pelas experiências de formação torna-se componente fundamental para sistematização de um pensamento, articulação de teorias e, principalmente, o enfrentamento de novos processos de aprendizagem. O docente do ensino superior, atuante com disciplinas como Artes Visuais e Literatura, torna-se responsável pela articulação, inovação curricular e orientações teóricas capazes de enfrentar os principais fenômenos que acompanham questões artísticas na contemporaneidade.

O lugar da teoria pensado em um âmbito dialógico é propício para intersecções teóricas que culminem em reflexões críticas no que dizem respeito à estética. No espaço formativo em Artes Visuais, com recorte para a licenciatura, discussões que tangem o lugar do conhecimento sensível desdobram-se desde conteúdos históricos e críticos aos debates pedagógicos, que, por sua vez, encaminham-se para os estudos na pós-graduação – quando efetivamente trabalhamos com objetos de pesquisa ampliados, construindo diálogos interdisciplinares com outros campos de conhecimento. Entendemos, assim, que o processo formativo na licenciatura em Artes Visuais representa um primeiro movimento do sujeito em busca de um conhecimento basilar, posteriormente evocado no âmbito da pós-graduação.

O que chamamos de interdisciplinar, motivados aqui por um discurso dialógico, não diz respeito a um conceito fechado, tal como nos convida a pensar Leis (2005), mas no desafio que o conhecimento em Artes promove, seja em seu caráter *lato* ou nas especificidades inerentes as suas múltiplas linguagens. O desafio reside, portanto, em lidar com a experiência como mote para se estabelecer conexões entre programas e movimentos de natureza interdisciplinar. É o caso das

⁴ O autor trata das diferenças e aproximações entre poesia e pintura, especialmente quanto às noções de tempo e espaço. LESSING, Gotthold Ephraim. *Lacoonte ou sobre as fronteiras da pintura e da poesia*. Tradução: Márcio Seligman Silva. São Paulo: Iluminuras, 2011.

disciplinas aqui trazidas. Ressalta-se, sobretudo, como as bases epistemológicas entre Artes Visuais e Literatura possuem em sua gênese um caminho de reflexão naturalmente interdisciplinar: seja pelo eixo histórico, filosófico, cultural ou pedagógico.

Para construir uma relação entre dois caminhos de pesquisa, é necessário compreender os pontos de convergência entre as duas atuações investigativas. Neste caso, a Estética protagoniza um lugar importante de conexão, pois, embora evidencie uma independência dentro da Filosofia e das Artes, lida diretamente com elementos oriundos da experiência, do imaginário e da poética, comuns aos dois campos aqui trazidos.

Compreendemos que a natureza do objeto para o qual se voltam as Artes Visuais não se encerra no lugar das visualidades artísticas; amplia-se para o imagético do textual, para manifestações sociais e culturais bem como para o sujeito e suas histórias. Desse modo, a pesquisa autobiográfica no contexto da formação em Artes Visuais é construída a partir das nuances de um inconsciente estético, cuja abordagem freudiana passa a compor um cenário interessante na história da estética contemporânea (RANCIÈRE, 2009), orientando os sentidos por memórias, vestígios e um conhecimento de si (SOUZA, 2006). Da mesma feita, a Estética, no contexto da teoria da Epistemologia do Romance, assume, também, um lugar pedagógico para se lidar com conhecimentos oriundos das manifestações estéticas literárias, ampliadas aqui para as Artes Visuais.

Quando Marc Jimenez (1999) comenta a respeito da lacuna dada à Estética no século XX, observa-se como sua trajetória epistemológica deixa de fazer parte das discussões nas pesquisas em Arte, em que se priorizam as novas perspectivas teóricas marcadas pelas vanguardas artísticas. Isso pode ser observado pelo distanciamento de leituras filosóficas basilares que constroem a Estética como campo de conhecimento, especialmente quando se buscam aproximações com as discussões de Alexander Baumgarten (1993), Immanuel Kant (2010;2015) e Friedrich Hegel (2001), a exemplo. O advento da Estética marca o fecundo lugar do conhecimento sensível proveniente da experiência, desde esboços da *Enciclopédia*, por Denis Diderot e D'Alembert (1989) até as mais recentes discussões, com Byung Chul-Han, em *A Salvação do Belo* (2016), quando nos chama atenção para o efeito estético e sua manipulação por meio da forma.

Para pensar os efeitos desses apontamentos no contexto de experiência docente, foi preciso lidar com reflexões emergidas nos bastidores da Universidade, fortalecidas por aulas ministradas e encontros formais em mesas redondas de interesse dialógico entre Literatura e Artes Visuais⁵. No ínterim de conversas a respeito dos novos paradigmas no contexto de ensino das Artes Visuais, surgiram paralelismos de vertentes teóricas cuja conexão permitiram a nós um comparatismo natural entre disciplinas, cujo objeto é o artístico. Nesse sentido, Flávio Kothe, em *Arte Comparada* (2016) chama-nos atenção para as influências do comparatismo como um lugar de revolução epistemológica, refutando a limitação de espaço e tempo dados aos critérios estéticos e históricos do ensino em Artes e Literatura, mas, principalmente, ultrapassando os limites conceituais e ampliando suas intenções iniciais. Assim, as teorias empreendidas em discursos antes orientados para pesquisas nascidas da formação individual de doutoramento⁶, quando dialogadas em contexto de sala de aula ganham novas envergaduras, uma vez que assumem abordagens necessárias ao contemplar, inicialmente, a formação na graduação. Em paralelo, assumimos outros enfoques que ampliam consideravelmente nosso interesse pela pesquisa autobiográfica e a epistemologia do romance para atender outras discussões que interessam tanto aos projetos de iniciação científica quanto à pesquisa na pós-graduação.

A fecundidade das vivências pedagógicas entre professores, quando levadas ao lugar da reflexão, culminando em terreno de debate acerca da área de formação, permite considerar linhas de estudos

⁵ As experiências práticas que compuseram tais reflexões nasceram em disciplinas ministradas na graduação e pós-graduação, na Universidade (informações ocultadas), bem como nos Seminários (informações ocultadas).

⁶ Referente à formação *stricto sensu* dos autores deste texto (as informações foram ocultadas).

de naturezas epistemológicas semelhantes, porém, com especificidades fomentadas por teorias interdisciplinares. No campo da formação de professores em Artes Visuais, procedimentos comparatistas parecem estar inerentes, cada vez mais, aos aspectos visuais dos quais ocupam essa área do conhecimento. Basta voltarmos nossos olhos ao universo das culturas visuais e o contexto das visualidades para assumirmos como outras áreas de conhecimento estão intrínsecas às possibilidades de observação e aprendizagem acerca desses objetos. Para tanto, quaisquer construções reflexivas que se ocupam da perspectiva de olhar a arte em seu campo *lato* nos levarão a diálogos, especialmente quando se considera a experiência pedagógica bem como reflexões acerca dessa experiência.

Ao que chamamos de formação em Artes Visuais refere-se, primeiramente, ao campo da licenciatura, voltado para formação de futuros professores. Desse modo, salienta-se a necessidade de lidar com aspectos de discussão didática e metodológica capazes de incitar a reflexão do licenciado, bem como do pós-graduando, quanto aos novos paradigmas da arte e suas necessidades teóricas e práticas enquanto campo de conhecimento.

Pesquisa narrativa e autobiográfica: um olhar sobre a formação e a atuação em Artes Visuais⁷

A pesquisa narrativa e autobiográfica constitui campo de interação entre o sujeito, sua história de vida, memórias, experiências, aprendizagens e, conseqüentemente, está impregnado daquilo que acontece no cotidiano. Nesse aspecto, o meu interesse pelo estudo da narrativa e da autobiografia⁸ deriva do cotidiano como campo de experiências, como algo que nos é ofertado a cada dia por meio de narrativas que nos aproximam da intensidade da vida real (CERTEAU, 1994). A partir desse envolvimento com o pensamento de Michel de Certeau, sobretudo ao conhecer a obra *A invenção do Cotidiano: artes de fazer* (1994), pude observar o quanto foi determinante na minha formação em Artes Visuais pensar e viver o cotidiano intensamente. Nessa perspectiva, investiguei nos estudos de mestrado a questão transdisciplinar entre o campo da Educação e as Artes Visuais, com o objetivo de pensar o cotidiano escolar como um lugar que marca cada um de nós a partir de experiências pontuais e significativas relacionadas com a época de escolarização, despertando-me especial “[...] atenção para com as dimensões pessoais e biográficas de formação como processo escolar” (CATANI, 2005, p. 35).

Posteriormente, atuando como docente na formação de licenciandos em Artes Visuais, compreendi que o caminho de investigação doutoral poderia seguir os rumos de uma pesquisa voltada para questões do currículo e do cotidiano na formação de professores. O cotidiano como um lugar de experiências, possibilitando diálogos com o processo de produção de conhecimento no campo do ensino de Artes Visuais. A interconexão entre currículo e cotidiano com um viés transdisciplinar e que pudesse abrir brechas e oferecer subsídios relevantes para compreender caminhos e construções sociais atreladas aos sentidos e significados das visualidades presentes no cotidiano dos sujeitos. A concepção de um cotidiano permeado de nuances configurou-se como um lugar onde havia a possibilidade de transitar entre as Artes Visuais, a Literatura e a Cultura Visual, por exemplo, assim como, outras visualidades e experiências que poderiam sinalizar visões e versões de um cotidiano marcado pela intensidade da vida real. No entanto, a investigação conquistou contornos próprios, direcionando-se para as histórias pessoais, que marcadamente transitavam por experiências e narrativas de um cotidiano particular, um cotidiano que acontece nas brechas da existência humana, onde “o cotidiano é, em si, uma maneira de experimentar a vida” (BRETAS, 2006, p. 30).

⁷ Trajetória formativa do autor 1 (as informações foram ocultadas).

⁸ Ao evocar a autobiografia como possibilidade de escrita formativa, este texto não intenciona explorar o vasto repertório existente nos Estudos Literários a respeito da escrita autobiográfica, especialmente ao qual se refere Philippe Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, traduzido para o português pela Editora UFMG (2008).

Nesse contexto particular, a pesquisa narrativa de viés autobiográfico tornou-se elemento determinante no contexto da investigação de doutorado, conquistando um espaço de interlocução, onde o próprio sujeito [e pesquisador] poderia interrogar-se permanentemente sobre os acontecimentos do seu próprio cotidiano na Universidade, suas experiências de escolarização e o potencial de sua história de vida. Tornou-se relevante compreender teoricamente que a investigação autobiográfica parte de um campo denominado de pesquisa narrativa, pois é a partir do seu campo que se [...] inscrevem diferentes modalidades de investigação: etnografia, história de vida, relatos biográficos, pesquisa autobiográfica, autoetnografia, artografia [...]” (HERNÁNDEZ, 2017, p. 55). Desse modo, compreendi que investigar a partir do campo da pesquisa narrativa e autobiográfica representa um desafio, tanto para aqueles que estudam questões relacionadas com objetos específicos como para aqueles que estão imersos em um processo arqueológico de investigação de si. Essa experiência que convoca o sujeito a tornar-se objeto de sua própria pesquisa desperta um olhar reflexivo e questionador sobre os processos que foram vividos, sobretudo, ao considerar que não há uma distinção entre o sujeito e o objeto de pesquisa. A relação sujeito e objeto ocorre mediante um trânsito dialógico, operando junto às instâncias da intuição e sensibilidade, da memória e pessoalidade. Essa dinâmica de reflexão acerca da vida e da pesquisa acentua o potencial das histórias pessoais, pois “o que desperta o interesse não são mais, unicamente, os grandes homens, nem os grandes acontecimentos, mas o cotidiano e vivência das pessoas comuns que não fazem parte da elite” (PINEAU e LE GRAND, 2012, p. 27).

Refletindo sobre a atualidade e a relevância da pesquisa narrativa e autobiográfica, Martins e Tourinho (2017, p. 151), destacam a pesquisa narrativa enfatizando que a mesma tornou-se tema de interesse acadêmico em “[...] departamentos de Literatura, Psicologia, Antropologia e Sociologia, [contudo], rapidamente esse interesse se expandiu para áreas tais como Cultura, Educação, História, Cinema, Teatro e Artes Visuais”. Segundo os autores, tal expansão “[...] fez surgir delineamentos epistemológicos mais potentes – e críticos – para as histórias de vida e suas formas de narratividade” (MARTINS; TOURINHO, 2017, p. 152).

Para destacar o comprometimento acerca do envolvimento com o campo da pesquisa narrativa, Jovchelovitch e Bauer (2011), apontam que o estudo de narrativas alcançou um novo status nos últimos trinta anos. Se considerarmos a data de publicação do artigo, presumimos que por volta dos anos de 1980, possivelmente, essa legitimação tenha ocorrido. Cabe aqui apresentar os argumentos tratados pelos autores sobre a questão:

Este renovado interesse em um tópico antigo – interesse com narrativas e narratividade tem suas origens na Poética de Aristóteles – está relacionado com a crescente consciência do papel que o contar histórias desempenha na conformação de fenômenos sociais. No despertar desta nova consciência, as narrativas se tornaram um método de pesquisa muito difundido nas ciências sociais. A discussão sobre narrativas vai, contudo, muito além do seu emprego como método de investigação. A narrativa como uma forma discursiva, narrativa como história, e narrativas como histórias de vida e histórias sociais, foram abordadas por teóricos culturais e literários, linguistas, filósofos da história, psicólogos e antropólogos (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2011, p. 90).

No cenário exposto pelos autores, o enfoque da narrativa aparece numa dimensão multifacetada representando um interesse metodológico que atende áreas distintas de estudo e pesquisa, pois as narrativas são infinitas, encontrando-as em diversos lugares e repertórios da vida humana. O objetivo de pensar o campo da narrativa e da autobiografia no âmbito de uma proposição metodológica associada com a prática docente e a pesquisa na pós-graduação, atende uma necessidade tanto metodológica para a captura de fragmentos narrativos, como teórica no intuito de

pensar a narrativa como uma maneira de representar, entender e significar a experiência do professor (CLANDININ e CONNELLY, 2011).

No âmbito nacional, o trabalho desenvolvido por Passeggi e Souza (2017), intitulado: “O movimento (Auto)Biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional”, publicado na *Revista Investigación Cualitativa* aborda o desafio de tecer considerações sobre o movimento (auto)biográfico⁹ no Brasil. Segundo os autores, tal investimento “[...] implica, obviamente, riscos de omissões face à sua história, que, embora recente, já se caracteriza por sua diversidade, por um volume considerável de pesquisa, trabalhos e projetos de cooperação científica em âmbito nacional e internacional” (PASSEGGI e SOUZA, 2017, p. 7). O estudo aborda três momentos, inicialmente apresenta alguns princípios epistemológicos orientadores das pesquisas brasileiras nessa área, com foco no trabalho de pesquisadores e de sua produção que têm enfatizado o potencial epistemológico e político do paradigma narrativo no contexto das Ciências Humanas e Sociais. Em seguida, estabelecem um panorama histórico compreendendo o período de 1990 a 2016, com o objetivo de sintetizar dois momentos marcantes do movimento (auto)biográfico em educação no Brasil, ou seja, a emergência nos anos 1990 e a sua diversificação a partir dos anos 2000. Posteriormente, enfatizam a relevância das diferentes edições do Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica – CIPA, cujas edições começaram em 2004 com periodicidade bienal. O evento pressupõe espaço de debates para considerar os avanços e desafios da pesquisa, fomentando novas inquietações e orientações teórico-metodológicas. Segundo Passeggi e Souza (2017), tal inquietação com as dimensões epistemológicas, políticas e metodológicas apresenta uma das principais apreensões do movimento (auto)biográfico no Brasil. Nesse aspecto, a realização dos Congressos Internacionais de Pesquisa (auto)biográfica – CIPA, relançam a cada edição inquietações, inclusive, a partir da própria temática proposta, objetivando analisar bienalmente o progresso produzido na área de investigação científica no Brasil e em contextos internacionais a partir das parcerias estabelecidas. Passeggi (2011) destaca que ocorreu uma guinada biográfica nas Ciências Humanas e Sociais, particularmente, no campo da Educação, com ênfase na tradição alemã (*Biographie-forschung*), como na anglo-saxônica (*Biographical research*), nos países de língua espanhola (*Investigación biográfico-narrativa*), em países de língua francesa (*Recherche biographique*), como em Portugal e no Brasil (*Método (auto)biográfico ou Pesquisa (auto)biográfica*).

A partir do panorama exposto, consideramos de extrema relevância as questões dialógicas que possam emergir do campo da pesquisa narrativa e autobiográfica em relação ao processo de formação e atuação em Artes Visuais. Questões que tangenciam, em primeiro lugar o contexto formativo e de atuação dos professores pesquisadores, em segundo lugar, as questões são deslocadas para o contexto de formação discente, justamente, por considerar qual a implicação da pesquisa autobiográfica no campo das Artes Visuais, seja na perspectiva da licenciatura, como também, na pós-graduação.

Tal processo, inicialmente vivenciado por mim no contexto da pesquisa de doutorado, ganhou amplitude no desenvolvimento de propostas de Pesquisa de Iniciação Científica, bem como, nas orientações de Trabalhos de Conclusão de Curso, repercutindo de forma contundente no planejamento e credenciamento de projeto de pesquisa no âmbito de um programa de pós-graduação em Artes Visuais. Acredito que, ao conjecturar um caminho de pesquisa autobiográfica a partir de um movimento que promove um espaço de problematizações em sala de aula, contribuo para fomentar reflexões acerca dos processos de formação vivenciados pelos sujeitos. Movimento que residuiu no “[...] reconhecimento da subjetividade do sujeito, [...], na convivência e participação democrática [...], na construção de um conhecimento não fragmentado e não alheio à experiência

⁹ Nomenclatura utilizada pelos autores do texto, bem como nas edições do Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)biográfica – CIPA.

dos alunos” (CARBONELL, 2016, p. 55). Nessa perspectiva, cabe frisar que o autor enfatiza a questão do conhecimento que é associado com a seleção e hierarquização dos diversos conteúdos do currículo. Questiona o que se deve ou não ser ensinado e quais os efeitos do currículo explícito ou oculto para o contexto formativo dos sujeitos.

Esclareço que, ao enfrentar o desafio de preparar um planejamento de curso sobre aspectos da pesquisa autobiográfica, objetivando inserir a mesma em uma disciplina ofertada durante o semestre para os discentes da licenciatura em Artes Visuais, ponderei quais seriam os possíveis caminhos. Ou seja: seguir um caminho relacionado com a questão do cotidiano e do currículo em Artes Visuais, ou então, estabelecer conexões entre o processo formativo e o reconhecimento do sujeito a partir do campo da pesquisa narrativa e autobiográfica. Escolhi trilhar os efeitos de um caminho autobiográfico, que desvelasse questões pontuais e, ao mesmo tempo, subjetivas em relação ao processo formativo em Artes Visuais. Um caminho pedagógico que, embora apresentasse congruências com a necessidade de aporte teórico da disciplina, também pudesse contribuir com nuances atreladas a um efeito [curricular] oculto. Não tenho por intenção aprofundar concordâncias ou discordâncias acerca do que quer um currículo, pois entendo que, ao “[...] analisar nossos quereres, fazeres e dizeres constituidores do funcionamento de um currículo” (CORAZZA, 2001, p. 13), estou a procura de uma abertura que possa indicar outros caminhos, ou seja, outros modos de pensar o conhecimento e a formação em Artes Visuais. Destaco que ao priorizar um panorama que contemplasse a pesquisa autobiográfica, aventurei-me por caminhos desafiadores. Caminhos que até então, foram enfrentados num percurso solitário, característico de uma pesquisa de doutorado, entretanto, nessa empreitada, chegou o momento de compartilhamento das angústias e desafios vivenciados. Dividir angústias que desafiam a existência do sujeito, em especial, aquelas presentes numa perspectiva autorreflexiva sobre a vida, privilegiando uma narrativa que vislumbresse o reconhecimento de si. Nesse sentido, acentuei o meu comprometimento com uma disciplina que contemplou o campo da autobiografia como caminho de pesquisa e de formação (SOUZA, 2006). Inclusive, ajuizei ser relevante apontar aspectos que, inicialmente, transitassem pela compreensão do conceito de sujeito e de indivíduo em contextos sociais e culturais (TOURAINÉ, 2011).

A partir dessa experiência foi possível refletir sobre a configuração que envolve a formação do sujeito e, por sua vez, da história na qual o mundo representa o cenário pessoal e social das experiências. Lembro-me que durante o desenvolvimento de uma determinada atividade, acentuei para os alunos o papel que todos poderiam estabelecer acerca da própria vida. Nesse ponto, o entendimento da narrativa de si como recurso teórico e metodológico foi fundamental, possibilitando a concepção de histórias de vida a partir da percepção e reflexão dos acontecimentos vividos. Segundo Delory-Momberger (2011, p. 341), “é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossa vida e que dá uma história a nossa vida”, onde as ações e as pessoas presentes nesse universo particular tornam-se episódios e personagens segundo uma organização do próprio acontecimento. Assim, construímos relações entre eles, damos um lugar e um significado às situações e experiências que vivemos a partir da narrativa.

Ao tratar sobre a questão que envolvia a leitura da própria vida e a escrita da experiência de formação com base na época de escolarização (CATANI, 2005), foi solicitado, por exemplo, aos alunos que apresentassem fotografias da época de escolarização, em especial, os denominados “postais escolares”. Fotografias que acionaram os sentidos atribuídos pelo sujeito que experimentou a vida escolar, reconstruindo sua trajetória de formação. A partir da projeção da imagem fotográfica em sala de aula, os alunos comentavam verbalmente sobre a escolha da imagem e posteriormente produziram um fragmento narrativo que contextualizasse a experiência/lembrança escolar. Tal fragmento narrativo poderia estar permeado de elementos que transitassem em outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a literatura, poesia, o conto, ou mesmo, dialogando com contextos poéticos associados com outras linguagens artísticas. Alguns alunos produziram

narrativas verbo-visuais, conectando objetos pessoais, com trechos escritos a partir de memórias presentes em diários pessoais.

Nessa perspectiva, ao trazer exemplos pontuais dessa experiência em sala de aula, assevero que o campo da narrativa e da autobiografia representa um cenário promissor para a dimensão da pesquisa, da formação e atuação em Artes Visuais. Principalmente, ao vislumbrar que a história de vida inscrita pelo sujeito carrega repertórios imagéticos, no caso específico das visualidades associadas com as imagens fotográficas que serviram como recurso para a disciplina, sinalizando traços, rastros e vestígios de uma temporalidade biográfica que se escreve no tempo da vida e da experiência.

A Epistemologia do Romance como caminho formativo no campo da Estética¹⁰

A Arte não tem compromisso com a verdade verificável, científica. Neste sentido, não parece lógico evocar um lugar como o da epistemologia para uma discussão subjetiva como a de que se ocupa a Arte. Mas a lógica não nos interessa aqui. Rompendo com a tradicional disciplina da teoria do conhecimento, Wilton Barroso (2018) subverte o lugar seguro de uma definição ainda conservadora no âmbito do conhecimento filosófico acerca do científico e conduz a epistemologia às nuances provenientes da Arte. Nuances estas que exploram um lugar fecundo, porém sutil, de conhecimento acerca do sujeito e sua relação com o mundo a partir das denúncias da condição humana expostas pela forma estética. É neste limítrofe disciplinar que descrevo sobre minha formação em pós-graduação, cujas discussões teóricas, minadas de apropriações de conceitos filosóficos, ultrapassam limites a fim de alcançar um campo cuja experiência sensível é a força motriz para o lugar de interpretação e conhecimento.

Com dupla formação em graduação, Letras e Artes Plásticas, e trilhando a pós-graduação *stricto sensu* na Literatura, o hibridismo de elementos estéticos já se formariam ainda na escolha de um objeto de pesquisa. Por esta razão, a atuação hoje na Licenciatura em Artes Visuais existe a partir de um fio condutor: uma trajetória interdisciplinar. Ou seja, um olhar cujo objetivo geral foi construído em cima de dois campos de conhecimento, Artes Visuais e Literatura, por uma dialogicidade orientada às diversas potencialidades estéticas entre a imagem e a palavra.

De naturezas históricas e conceituais provenientes de um mesmo berço ocidental, boa parte das discussões teóricas as quais fundamentaram meu processo formativo amparam-se em vertentes continentais acerca da arte, estética, literatura e história da literatura. Em *Teorias da Arte* (2005), Anne Cauquelin revela, por um panorama geral, a importância das discussões teóricas que regem a Estética na configuração de teorias da Arte, tal qual o caminho trilhado pela constituição de teorias da literatura, incitadas por Roberto Acízelo de Souza (2018). A construção dessas vertentes passa pelas tensões acerca da poética, ainda na antiguidade grega, e culminam na discussão moderna sobre estética, que configura a autonomia da arte diante do sujeito que a experiencia, tal como nos faz compreender Immanuel Kant (2010). Dito isso, quaisquer caminhos trilhados pelo lugar histórico dessas teorias terão como bases comuns estudos acerca da Poética e da Estética.

A teoria da Epistemologia do Romance, fundada por Wilton Barroso Filho e pelo grupo de pesquisa homônimo, compreendeu que essas convergências teóricas uniam interdisciplinarmente Literatura e Filosofia como eixos centrais de campos de conhecimento. Mas no destrinchar dos conceitos que compõem essas duas esferas emanam disciplinas importantes que fundamentam a dialogicidade então construída como caráter de pesquisa e construção teórica. A Estética, enquanto disciplina filosófica (BAUMGARTEN, 1993) e lugar de conhecimento (DIDEROT, D'ALEMBERT, 1989); a autonomia do sujeito diante ao objeto e suas competências de julgamento e recepção (KANT,

¹⁰ Trajetória formativa do autor 2 (as informações foram ocultadas).

2010); a Epistemologia, por um contexto histórico de contradições, incertezas e “potências ocultas”, tal como confronto Gaston Bachelard, em *A psicanálise do Fogo* (2008, p. 110); a metáfora como expressão sensível das ideias em uma epistemologia de caráter sensível, pensada pelo sociólogo Michel Maffesoli (2008); e na historicidade presente na dialética sujeito e objeto, identificados a partir da discussão de Friedrich Hegel (2001). O que se nota é que a Epistemologia do Romance, embora ainda anunciada no lugar da narrativa literária, possui em sua ontologia um percurso naturalmente interdisciplinar, com conceitos e enunciados múltiplos, subvertendo uma linearidade imposta por vieses teóricos unívocos. Isso é fortalecido pelo seu gesto metodológico, chamado de *serio ludere* (BARROSO, 2018), em que interessa compreender o jogo interpretativo emanado da experiência estética, considerando as instâncias: autoria-obra-recepção.

As preocupações estéticas pelas quais se ocupa a Epistemologia do Romance (BARROSO, 2018) são estabelecidas a partir de vários processos de experiência e análise do objeto, evidenciando a seriedade da pesquisa em arte por ela proposta. Ao evocar teorias de solidez no campo da Filosofia da Arte e da Estética, a intencionalidade proposta por esse caminho teórico revela alguns pontos: o primeiro, de que sem uma noção conjunta acerca do objeto e sua história, o olhar investigativo se torna pouco fecundo. Segundo, a Epistemologia do Romance revela que o jogo de interpretação na experiência com a arte pensado por Hans-Georg Gadamer (2012), deve considerar que o leitor da obra não joga apenas com o objeto artístico, mas com o autor, que permanece em constante dialética entre autoria e recepção e cujas histórias autobiográficas permeiam o lugar da investigação. Vale salientar que os esforços dessa teoria não procuram excluir o campo fecundo deixado por Wolfgang Iser (1996), contudo, ela levanta a necessidade de ampliar o objeto de recepção aos elementos que o circundam, como forma de busca por vestígios de conhecimento ali presentes. E ao falar desses vestígios de conhecimento, a Epistemologia do Romance direciona o olhar para o descompromisso com a verdade científica, porém, revela as imbricações internas presentes no texto romanesco que estão preocupadas com questões importantes da condição humana e que somente pela forma estética ganham reverberação.

Aliada a esses caminhos, hoje alinhavados em virtude da construção de um campo teórico novo, vi na teoria da Epistemologia do Romance o anúncio de um gesto interdisciplinar construído enquanto campo teórico de análise da arte. O caráter pedagógico nascido dessa construção está pautado na Estética, uma vez que nenhum olhar observador se direciona, senão, a partir de uma experiência sensível com o objeto, cujas provocações levam a questões sutis, necessárias de serem pensadas, discutidas, problematizadas. Ou seja, entendendo o esforço da Epistemologia do Romance em sustentar que uma análise de objetos da arte literária necessita de caminhos teóricos que deem conta daquilo que o próprio objeto provoca na interpretação, a Estética torna-se o primeiro campo de conhecimento a explorar essa situação hermenêutica. Especialmente porque a tradição da Estética, enquanto disciplina, é do conhecimento sensível proveniente do lugar da experiência e fruição.

A Arte é lugar de problematizações. O ensino de Arte é lugar de abrir espaço para construção dessas problematizações e reivindica possibilidades de discuti-las a partir de campos teóricos que preparem o terreno para reflexões dessa natureza. Dessa forma, na atuação em disciplinas formativas da licenciatura em Artes Visuais, duas experiências podem ser trazidas aqui. Na primeira, vivenciada ao propor uma disciplina teórica, introdutória aos estudos da Estética, foi possível deslocar o lugar filosófico dessa discussão para uma recepção direta de um público graduando em Artes Visuais. Na circunstância, a proposição intencionava flexibilizar o caminho filosófico da Estética para o contexto da recepção/fruição e reflexão. O material teórico que conduziu as discussões foi o livro *O que é estética?* (1999), de Marc Jimenez, cujo empreendimento foi lê-lo do início ao fim, durante um semestre, explorando suas discussões estéticas por meio de exposição teórica e debate dialogado. Propunha-se a participação dos discentes a partir de exemplos artísticos produzidos por eles, trazidos e apresentados ao final de cada aula.

Destaca-se, nessa dinâmica didática, duas coisas: a primeira é a necessidade de se conhecer discussões que fundamentam a teoria e crítica da Arte, deslocando-nos de um lugar puramente opinativo e do gosto para um lugar de interpretação, problematização e conhecimento; e, segundo, observar como uma teoria, no campo da Arte, não tem que ser “aplicada” a alguma coisa, mas conduzida dialogicamente enquanto possibilidade reflexiva, mediando as teorias evocadas e pensando-as a seu tempo.

A segunda experiência, incitada por reflexões nascidas nas trincheiras da Epistemologia do Romance, veio com a apresentação de uma disciplina que propunha diálogo entre estética e educação. Movimentada pela inquietação do lugar de uma estética epistemológica, que considera a história da estética como constituinte da história de um conhecimento sensível, o curso proposto para alunos da graduação foi conduzido por uma bibliografia diversa, desde textos introdutórios sobre epistemologia do romance e estética à discussões mais contemporâneas acerca do sensível das formas e a recepção enquanto efeito (HAN, 2016). O diálogo pedagógico foi estabelecido por vestígios de uma educação estética, há tempos promulgada por Friedrich Schiller (2014), indo ao encontro de discussões a respeito do lugar do conhecimento a partir de perguntas norteadoras, como as incitadas por Kant, em *Crítica da Razão Pura* (2015). Tais perguntas, embora suscitadas pelo filósofo no contexto do conhecimento racional, são trazidas pela Epistemologia do Romance como ponto de partida para qualquer experiência estética. Destaca-se, neste gesto interpretativo e de apropriação, a pergunta: “O que eu posso saber?” (KANT, 2015, p. 584), em que se é possível provocar a incitação ao conhecimento a respeito do que se observa, experiencia sensivelmente, julga e interpreta.

As apropriações conceituais feitas pela Epistemologia do Romance levam ao lugar de reflexão sobre a Arte como espaço de conhecimento e sobre como esse conhecimento pode ser construído a partir de uma consciência a respeito da experiência estética – algo provocado pela discussão em Kant (2015), na “Estética Transcendental”. Nesse sentido, e assumindo que construir uma teoria é apropriar-se de elementos teóricos a fim de conduzi-los a novos diálogos, uma estética epistemológica parece fecunda, uma vez que se pode entender o sujeito kantiano como um sujeito autônomo diante de sua experiência, porém, e ultrapassando esse lugar, assume-se que este sujeito é dotado de história (HEGEL, 2001), memória e saberes que interferirão nesse processo inicial: a fruição estética.

Ainda valendo-se da experiência com discentes de graduação em Artes Visuais e discutidas na pós-graduação junto ao Programa de Literatura, as articulações estabelecidas pela Epistemologia do Romance como ponto de partida para a pesquisa em Arte (visuais ou literárias), permitiram construir um espaço pedagógico cujo opinativo e puramente intuitivo pudessem ser revistos quando expostos no âmbito acadêmico, permitindo uma conexão de saberes que contribuíssem com os gestos interpretativos provenientes da experiência sensível. Ressalta-se, aqui, que o caminho proposto pela teoria em questão propõe que não há como pensar a Arte senão pela experiência de leitura do objeto estético. Deste modo, toda e qualquer teoria que venha a ser evocada no movimento de análise partirá, senão, do lugar interpretativo, mediado por instâncias múltiplas, da autoria à recepção.

Entre trajetórias de formação, olhares pedagógicos e convergências interdisciplinares

Diante às trajetórias delineadas e suas potencialidades dialógicas, a relação estabelecida entre formações individuais e experiência didática conduz-nos a interações por meio de ações de pesquisa que possam fortalecer as discussões que dali emergem. Nesse aspecto, recorreremos ao pensamento de Pineau e Le Grand (2012), para pensar acerca das narrativas construídas com a intenção de possibilitar processos que são experienciais, dialógicos e interdisciplinares. Compreendemos que o caminho de uma pesquisa acentua percepções, olhares e convergências sobre si mesmo, sobre a

vida e sobre o Outro. Por isso, consideramos a relevância de potencializarmos olhares pedagógicos tanto sobre a nossa trajetória formativa como a atuação docente. Essa dinâmica de reflexão acerca da vida e da pesquisa acentua o potencial das histórias pessoais, apresentando-se como um panorama histórico da narrativa de vida enquanto possibilidade formativa (PINEAU e LE GRAND, 2012).

Considerar dinâmicas formativas e epistemológicas sugerem, no âmbito da pesquisa em Artes Visuais, reconhecer um lugar hermenêutico atento às mais diversas formas estéticas, cujo processo ganha envergadura pedagógica, uma vez que sinaliza etapas didáticas importantes para o campo de conhecimento em Artes Visuais. Nesse sentido, as convergências apresentadas no âmbito dos dois caminhos formativos traçados aqui são construídas na prática, por meio de artigos em parceria bem como oportunidades de discussões dessas relações em eventos acadêmicos.

Desde 2018, nossos esforços enquanto profissionais vinculados a um mesmo Departamento de Artes Visuais, tem sido direcionado a oportunidades de escrita de textos que possam estabelecer diálogos, mesmo quando de naturezas formativas distintas. Nesse seguimento, estamos cientes das divergências teóricas que confrontam o lugar da Epistemologia do Romance com a Pesquisa Narrativa em caráter autobiográfico, uma vez que a primeira assume a necessidade de, posteriormente à experiência estética e fruição, buscar por distanciamento do sujeito e de seu objeto de pesquisa. A intenção desse distanciamento atenta-se para que a percepção sensível não se valha dos fatos narrados como critérios de veracidade – especialmente porque a Epistemologia do Romance se preocupa com a escrita autoficcional (COLONNA, 2004) e com elementos de credibilidade estabelecidos pelo efeito estético (BARROSO, 2018). Também há a preocupação de que o objeto estético seja identificado e explorado sem filtros moralistas que possam fechar a interpretação a um primeiro movimento de experiência pessoal. Assim, os caminhos teóricos parecem se bifurcar ao pensar nos lugares do sujeito e objeto, contudo, se encontram ao considerar o método da narrativa acerca das experiências de si como potencialidade no contexto de formação inicial e continuada, especialmente quando voltada para os caminhos da docência.

Ao assumirmos um elo entre os dois campos e as duas trajetórias formativas, consideramos que a Estética promulga essa experimentação, uma vez que o supérfluo ou cotidiano provoca um movimento sensível de conhecimento, ultrapassando os domínios da objetividade (BACHELAR, 2008) e anunciando outros discursos que se fazem importantes para construção de pensamentos na pesquisa em Artes Visuais, bem como na Literatura.

Os desafios operados nos caminhos aqui trilhados precisam lidar com as ambiguidades e nuances da arte, cujas reflexões estéticas revelam as complexas discussões que transitam entre a legitimação e o desapareço do que é ou não de valor artístico (JIMENEZ, 1999). Isto posto, na perspectiva de uma pesquisa que se volta para o lugar pedagógico da Arte, estabelecemos possibilidades de defrontar com as necessidades de critérios e parâmetros que encerram o objeto em seu lugar do artístico ou não artístico. Então, os discursos narrativos tornam-se divulgadores de uma trajetória interpretada com preocupação no que diz respeito às nossas sensações, condutoras das nossas primeiras ideias, constituídas pela inclusão da nossa existência e do nosso corpo (DIDEROT; D’ALEMBERT, 1989).

Ao revelar preocupações dessa natureza, colocamos para a discussão a tênue relação entre sujeito e objeto no que tange a experiência estética, especialmente quando se observa uma separação kantiana vista com certa rigidez diante a uma fusão proposta por novos parâmetros da estética contemporânea (JIMENEZ, 1999). O que chamamos atenção, neste caso, é para os papéis flexíveis da fruição, enquanto recepção, designadas aqui ao sujeito pesquisador ou a um leitor-pesquisador (OLIVEIRA, BARROSO, 2019), cujo compromisso passa a ser com as nuances que a experiência sensível provoca e que, conseqüentemente, conduz à problematizações. Nesse ínterim, a transposição feita entre um elemento do particular avança para um coletivo, considerando que a

experiência um do outro corrobora com processos interpretativos de maneiras múltiplas e valiosas para a construção do conhecimento a respeito de trajetórias formativas. Em diálogo com Rudolf Arnheim (1989) e assumindo esse interesse em vasculhar aquilo que é da ordem do sensível em busca de fragmentos importantes que constituem saberes, atentamo-nos ao inteligível como abordagem para construir análises de partes que compõem a nós, docentes, sem generalizar, por intuições primárias, as potencialidades colhidas pelo sujeito que fala.

Quando se opta pela escrita de narrativas enquanto espaço basilar para se contemplar elementos que emergem das novas situações das Artes Visuais, cabe entender que o contexto formativo do sujeito que pensa essas questões necessita ser evocado, já que a história de vida e a memória desse profissional atua como gatilho dialógico enquanto trânsito inicial de pensamento.

O pedagógico, neste sentido, é fortemente construído por meio de pontos de partida discursivos que consideram as relações entre ensino e aprendizagem como espaço de experiência do sujeito. Ao acolher as trajetórias teóricas/formativas um do outro, é possível conectar uma relação entre teoria e prática que leve em consideração os desafios de ensinar e as relativizações que permeiam conteúdos programáticos. Em tempo e dialogando com Anísio Teixeira (2000), o trânsito de compreensão a respeito dos caminhos pedagógicos observados por experiências do sujeito reforça a educação como fenômeno individual e social, em que a transformação se dá por meio de vivências particulares que habilitam uma discussão a respeito de questões humanas que são de caráter universal.

Considerações finais: desafios e imbricações teóricas e metodológicas

A pesquisa em Artes Visuais, com ecos na Literatura, e o ensino das Artes Visuais passam por profundas transformações desde o advento da internet e os novos espaços comunicacionais. As visualidades ganharam espaço como objeto de análise da pesquisa em Artes Visuais, ultrapassando o campo do artístico e ampliando o olhar para as multiplicidades estéticas dali provenientes. Da mesma feita, a Literatura já não se encerra em um objeto fechado em sua forma poética e de gênero discursivo, considerando caminhos complexos de sua ontologia. Trajetórias que consideram universos plurais de culturas visuais acenam para situações antes não consideradas pelo lugar da plasticidade e nos encaminham para uma cultura de imagens que são desafiadoras para a educação, especialmente, para o ensino em Artes Visuais. Isto posto, os enfrentamentos daqueles que se ocupam da pesquisa em Artes Visuais e Literatura bem como de seu ensino esbarra nos mais complexos fenômenos a respeito do lugar da Arte no século XXI. Tais confrontos corroboram com questões contemporâneas intrínsecas aos novos comportamentos do sujeito e seus paradigmas no campo da criação e recepção estética.

Em se tratando de abordagens metodológicas, o cenário para o ensino das Artes Visuais, especialmente, parece estar sendo traçado sob novos parâmetros. Seja por considerar o lugar inter e transdisciplinar, compreendendo a emergência das inter-relações, seja por estar diante de um contemporâneo calcado nos mais diversos suportes, as reflexões que dizem respeito ao ensino de Artes Visuais e Literatura já não se encerram em seus campos disciplinares. As imbricações entre esses campos estão sendo fortalecidas de modo cada vez mais fecundo, entendendo que o sujeito contemporâneo se encontra em gestos estéticos e filosóficos no que dizem respeito aos mais diversos fenômenos estéticos desse tempo. Podemos considerar este apontamento a partir do que nos diz Giorgio Agamben (2009), em que anuncia que a ação reflexiva depende de se reconhecer em seu tempo, porém, por uma percepção de deslocamento e inquietude, o sujeito contemporâneo sente a necessidade de identificar problematizações próprias do tempo. E isso, entende-se, faz-se revisitando um tempo histórico, por que não, individual, a partir de nuances próprias da experiência estética e de formação.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução: Vinícius Nicastro Honesko. Capecó, SC: Argos, 2009.
- ARNHEIM, Rudolf. *Intuição e intelecto na arte*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo; revisão de Daniel Camarinha da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. Tradução: Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. O problema do texto na linguística, filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003, p. 307-336.
- BARROSO, Wilton. Texto referencial: Elementos para uma epistemologia do Romance. In: BARROSO, Wilton. BARROSO, Maria Veralice. *Estudos Epistemológicos do Romance*. Brasília: Verbena Editora, 2018, p. 15-33
- BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. *Estética – A lógica da arte e do poema*. Tradução: Mirian S. Medeiros. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.
- BRETAS, Beatriz. Interações cotidianas. In: GUIMARÃES, César e FRANÇA, Vera (Org.) *Na mídia, na rua: narrativas do cotidiano*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 29-42.
- CORAZZA, Sandra. *O que quer um currículo?* Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- CARBONELL, Jaume. *Pedagogias do século XXI: bases para a inovação educativa*. Tradução: Juliana dos Santos Padilha. Porto Alegre: Penso, 2016.
- CATANI, Denice Bárbara. As leituras da própria vida e a escrita de experiências de formação. *Revista de FAEEDA – Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 14, n. 24, julho/dezembro, p. 31-40, 2005. Disponível em <www.uneb.br/revistadafaeeba/files/2011/05/numero24.pdf>. Acesso em 19 maio 2013.
- CAUQUELIN, Anne. *Teorias da arte*. Tradução: Rejane Janowitz. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CLANDININ D. Jean e CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COLONNA, Vincent. *Autofiction & autres mythomanies littéraires*. Auch: Éditions Tristram, 2004.
- DELORY-MOMBERGER, Christine. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. In: *Revista em Educação*: Belo Horizonte, v. 27, n. 01, abril, p. 333-346, 2011. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v27n1/v27n1a15.pdf>>. Acesso em 10 set 2013.
- DIDERROT, Denis; D’ALEMBERT, Jean le Rond. *Discurso preliminar e outros textos*. Tradução: Fúlvia Maria Luiza Moreto. São Paulo: Editora UNESP, 1989.
- GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Tradução: Flávio Paulo Meurer; revisão: Enio Paulo Giachini. 12ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

- HAN, Byung-Chul. *A salvação do belo*. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2016.
- HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de Estética I*. Tradução: de Marco Aurélio Werle – 2ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2001.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Minha trajetória pela perspectiva narrativa da pesquisa em educação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). *Pesquisa narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação*. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2017, p. 49-74.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura*, Vol. 1. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- JAVCHELOVITCH, Sandra e BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (Org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução: Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011, p. 90-113.
- JIMENEZ, Marc. *O que é estética?* Tradução: Fulvia M. L. Moretto. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 1999.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade de juízo*. Tradução: Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução: Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes; Ed. Universitária São Francisco, 2015.
- KOTHE, Flávio. *Arte comparada*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2016.
- LEIS, Héctor Ricardo. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. In: *Cadernos de pesquisa interdisciplinar em ciências humanas*. V. 6, Número 73, 2005. p. 1-23. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/2176>>. Acesso em 19 set 2019.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Tradução: Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. “(Des)arquivar narrativas para construir histórias de vida ouvindo o chão da experiência”. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). *Pesquisa narrativa: interfaces entre história de vida, arte e educação*. Santa Maria/RS: Editora da UFSM, 2017, p. 143-165.
- OLIVEIRA, Sara Lelis. BARROSO, Maria Veralice. “Leitor-pesquisador”. In: CAIXETA, Ana Paula Aparecida. BARROSO, Maria Veralice Barroso. BARROSO-FILHO, Wilton. *Verbetes da Epistemologia do Romance*. Brasília: Verbena Editora, 2019, p. 115-124.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. “Injunção institucional e sedução autobiográfica: as faces autopoética e avaliativa dos memoriais”. In: BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; PASSEGGI, Maria da Conceição (Org.). *Memorial acadêmico: gênero, injunção institucional, sedução autobiográfica*. Natal, RN: EDUFRN, 2011, p. 19-40.
- PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de. “O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional”. In: *Revista Investigacion Cualitativa*. 2 (1) p. 6-26, 2017. Disponível em <<https://ojs.revistainvestigacioncualitativa.com/index.php/ric/issue/view/7>>. Acesso em 13 maio 2018.
- PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Léa das Graças C. *Docência no Ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2014.

- PINEAU, Gaston e LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Tradução: Carlos Eduardo Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2012.
- PRAZ, Mario. *Literatura e Artes Visuais*. Tradução: José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix: Ed. Universidade de São Paulo, 1982.
- RANCIÈRE, Jacques. *O inconsciente estético*. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SCHILER, Friedrich. *A educação estética do homem: numa série de cartas*. Tradução: Roberto Schwarz e Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2014.
- SOURIAU, Etienne. *A correspondência das artes: elementos de estética comparada*. Tradução: Maria Cecília Q. de Moraes Pinto e Maria Helena Ribeiro da Cunha. São Paulo: Cultrix: Ed. Universidade de São Paulo, 1983.
- SOUZA, Elizeu Clementino de. *O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores*. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador, BA: UNEB, 2006.
- SOUZA, Roberto Acízelo de. *Teoria da literatura: trajetória, fundamentos, problemas*. São Paulo: É realizações, 2018.
- TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à Filosofia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- TOURAINÉ, Alain. *Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje*. Tradução: Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.